



## **Tramas do ensinar e do aprender em espaços não-formais e sua interface com a pedagogia escolar**

**Autor(es):** BECKER, Márcia Regina; CHAGAS, Camila Gonçalves; LINHAR, Sabrina Forati

**Apresentador:** Márcia Regina Becker

**Orientador:** Edla Eggert

**Revisor 1:** Maria Clara Bueno Fischer

**Revisor 2:** Danilo Romeu Streck

**Instituição:** Universidade do Vale do Rio dos Sinos

### **Resumo:**

Nossa pesquisa de campo perpassa em um atelier de tecelagem onde trabalham mulheres que vivem na cidade de Alvorada região metropolitana de Porto Alegre. A tecelagem é um trabalho artesanal que possui um saber, que observamos ser predominantemente feminino e por essa razão “perde” muito de sua “técnica”, “importância” e “saberes”. A pesquisa, iniciada em 2007, acompanha dois grupos, o das tecelãs, sendo o outro, um grupo de professoras do PPG em Educação da Unisinos, que vivenciam suas práticas e percebem suas ações na produção dos seus conhecimentos. Dessa forma, analisamos as tramas do ensinar e do aprender em espaços não-formais e sua interface com a pedagogia escolar. Na atividade de bolsistas acompanhamos e transcrevemos o andamento dos dois grupos e buscamos descrever e analisar os processos pedagógicos existentes nas duas realidades. Realizamos leituras, estudos, elaboração de textos e resumos, fichas de leituras, escuta e análise de gravações, transcrições das narrativas das histórias de vida. Em especial estudamos o processo de transcrição das gravações dentro de uma proposta metodológica do método documentário de Ralf Bohnsack e Wivian Weller (2006). Além de estudar nesse mesmo contexto o método documentário, os Grupos de Discussão dos mesmos autores. Participamos de seminários de estudo da Linha de Pesquisa Educação e Processos de Exclusão Social. Um dos resultados parciais foi realizar a narrativa de aprender a ser professora num exercício de pesquisa-formação estudando Marie-Christine Josso; temos aprendido a fazer o exercício de se aproximar da empiria e depois transcrever as conversas dos encontros realizados no atelier. E nesse movimento, observamos que as tecelãs não se colocam como profissionais e sim somente como trabalhadoras temporárias e, no caso das professoras não identificam na prática de sala de aula um dos fundamentos da teoria que poderiam estar produzindo. Ou seja, entendemos que a invisibilidade acontece devido a automatização das ações no trabalho diário e empobrece a potência dessas atividades.